

## FERRAMENTAS DE INTERAÇÃO MIDIATIZADA NA BLOGOSFERA: PERCEPÇÕES SOBRE OS PROCESSOS MEDIADOS EM AMBIENTES COLABORATIVOS

Firmino Júnior<sup>1</sup>

### RESUMO:

Num primeiro momento este ensaio discute o conceito de mídia por meio da lógica hipermediática de comunicação, que se assenta em característica como a não-linearidade e a cartografia por navegadores. Para tanto, reverbera a compreensão sobre as redes informáticas e os processos de mediação, midiatização e interação. Em seguida, projeta a lógica colaborativa de comunicação contemporânea, na tentativa de compreender como tais processos se especificam em ambientes como blogs, que possuem formas de interação e hipertexto variadas. Por fim, analisa as plataformas blogueiras *WordPress* e *Blogger* e as ferramentas *RSS*, comentário, *post*, *tag*, *permalink*, *trackback* e *blogroll* na perspectiva dos aportes conceituais deste estudo.

**Palavras-chave:** Blogs; Mediação; Interação; Midiatização; Hipermedia; Colaboração.

### ABSTRACT

At first this paper discusses the concept of media through the logic of hypermedia communication, which is based on characteristics such as nonlinearity and mapping by browsers. However, reflects the understanding of computer networks and the processes of mediation, midiatization and interaction. Next, design the logic of collaborative communication contemporary, in

---

<sup>1</sup> Firmino Junior é mestrando em Comunicação Social “Interações Midiáticas” pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Atualmente trabalha como docente dessa citada instituição. Contato: firmino.junior@yahoo.com.br.

an attempt to understand how processes are specified in environments such as blogs, which have forms of interaction and hypertext varied. After that, the platforms bloggers *WordPress* and *Blogger* are analysed and the tools *RSS*, comment, post, tag, permalink, trackback and blogroll in view of the conceptual contributions of this study.

**Keywords:** Blogs; Mediation; Interaction; Midiatization; Hypermedia; Collaboration.

### 1. A lógica hipermediática de comunicação

A internet se apresenta na contemporaneidade como um sistema reticular que integra pessoas e relações em escala intermidiática e interplanetária. A interação propiciada por essa rede ocorre devido à midiatização de conteúdos que se colocam continuamente defronte para os participantes dos processos comunicacionais ocorridos em ambientes reticulares. Esses interlocutores são agentes importantes na construção simbólica e formam fluxos comunicacionais reticulares que obedecem às lógicas diversificadas desses ambientes. De fato, o que caracteriza a essas redes são, num primeiro momento, os vários recursos/ferramentas oferecidos e, segundo, os participantes que são atores efetivos.

Para Santaella (2007), os meios hipermediáticos são alineares e possuem conexões reticulares (*links*) entre as unidades de informação (nós). A autora apresenta quatro características das hiper mídias, sendo: a) a

hibridização das linguagens (som-imagem-texto); b) a organização reticular (que é ligada pelos *links*); c) cartografia de navegação (os buscadores, por exemplo) e; d) o agenciamento interativo, que depende diretamente das escolhas de quem interage. De acordo com Scolari (2003), nas hipermídias as conexões não são fixas e dependem dos navegadores. Além disso, as unidades de informação aparecem sob a forma de qualquer matriz ou de todas elas, pois, houve uma conversão numérica (código binário) das linguagens. Ted Nelson, filósofo e sociólogo norte-americano, definiu essas conexões de hipertexto, que conforme Scolari (2003, p.23) “é um sistema de texto digital construído a imagem e semelhança do sistema de texto literário”.

As várias possibilidades que o hipertexto propicia diversificam as interações. A ausência de uma linearidade nos processos comunicacionais, por exemplo, facilita a interceptação dos interlocutores, deslocando a condição tão plenamente favorável do emissor em detrimento do receptor. A possibilidade de elegir interfaces nos ambientes hipermidiáticos é outra característica fundante. Enquanto que nos meios midiáticos os interlocutores se limitam à escolha de conteúdo, nas redes as seleções dos interlocutores também dependem diretamente dos formatos (agenciamento interativo), que podem aparecer nas mais

variadas formas e com as mais diversas combinações de matrizes, característica esta predominante nos ambientes hipermidiáticos. Os navegadores também são fundamentais nas hipermídias, pois organizam as buscas e possibilitam os hiperlinks.

Essas condições fundam-se no que Kastrup (2004) chamou de lógica das conexões. Para a autora o nó é o único elemento que constitui a rede e a dimensão deles não é relevante, pois, ela pode ser alterada de qualquer forma e a qualquer momento sem perder as características centrais. Segundo Kastrup (2004, p.80) a rede “não é definida por sua forma, por seus limites extremos, mas por suas conexões, por seus pontos de convergência e bifurcação”. Assim, as redes se apresentam como espaços que podem operar em lógicas distintas, com atores e relações sobrepostas.

Para Pinheiro (2006) os formatos que operam via lógica das conexões em rede, apresentam duas modalidades de comunicação: a conexão e a conjunção. A conexão estaria mais ligada à funcionalidade de materiais conectados, onde os elementos permanecem distintos e interativos em uma determinada interface. Para ela, a segunda modalidade é a “comunicação que busca a conjunção, pois procura o outro num jogo contínuo entre elementos díspares e promove encontros e fusões imprecisos, imperfeitos, sem repetição,

mas contínuos através de formas e formatos irregulares” (PINHEIRO, 2006, p.02). Portanto, pode-se pressupor que a autora assinala recursos interacionais mais e menos entrelaçados.

Sodré (2002) parte da clara premissa de que a sociedade contemporânea rege-se pela *midiatização*, tendência à virtualização ou telerrealização das relações humanas. Ele esclarece que a mediação é a ação de “fazer ponte” ou de fazer se comunicarem duas partes, alertando que, nesse sentido, a *midiatização* é uma ordem das mediações com ênfase na tecnointeração e que a interação é um dos níveis operativos do processo mediador. Para ele, a mediação implica diferentes tipos de interação e os valores e normas da sociedade (oriundos da escola, família, etc.) a legitima. As mediações são também as leis, as artes e as linguagens.

Na sociedade contemporânea, na qual se observa essa tendência generalizada à virtualização das interações a que se refere Sodré, fica claro que as redes também são midiatizadas, entretanto, não necessariamente funcionam a reboque de organizações empresariais, podendo em alguns casos, assim ocorrerem. As redes, na maioria das vezes, se apresentam como espaços livres, tanto para cidadãos comuns, quanto para grandes grupos comunicacionais. Trata-se de um espaço

multiforme e multifacetado, uma vez que, há espaço tanto para meios corporativizados como o Portal Uol ou o G1, como para blogs pessoais, de cidadãos pouco conhecidos.

Para Musso (2004) as redes são estruturas de interconexão que operam com instabilidade. As redes ainda apresentam o que ele chamou de “variabilidades”, que obedecem a determinadas regras de funcionamento. “Ela é ao mesmo tempo o vínculo de um elemento com um todo, o vínculo entre diversos estados de um todo e o vínculo da estrutura de um todo com o funcionamento de um outro. Graças à rede, tudo é vínculo, transição e passagem” (MUSSO, 2004, p.32).

## 2. A lógica colaborativa de comunicação

Essas características colaborativas na rede começaram a aparecer em meados de 1997, ano em que se inaugurou o que ficou popularmente conhecido como *Web 2.0* (O’reilly, 2005) ou *webcolaborativa*. Nesse mesmo período começaram a se formar o que se chamou de redes colaborativas – ambientes com interação diversificada e privilegiada que obedecem à lógica das conexões reticulares. Primo (2007) enfatiza que na *webcolaborativa* os interagentes podem se relacionar sem a necessidade de conhecer códigos mais complexos, como o *HTML*, por exemplo. Essa condição facilita o acesso, o fluxo e a

construção de elementos nesse ambiente. Ele ainda alerta para o fato de que nessa lógica há uma relação extremamente dependente da quantidade de pessoas que a utilizam e se interligam.

O que também se observa, é que nas redes colaborativas há uma dissociação dos polos emissores tradicionais e uma popularização do fluxo comunicacional, deslocando os então receptores, para lugares mais dinâmicos e privilegiados neste processo. A este fenômeno, pode-se atribuir a interação, que possibilita e opera essa mediação de forma densa, traduzindo tais relações em formatos mais híbridos e conectados. Nas redes colaborativas é possível se observar o predomínio dessa lógica, pois, um interlocutor pode ocupar lugares de privilégio ou não, dependendo do lugar (nó) em que está instalado na rede.

A primeira amostra dessas redes colaborativas foram os *weblogs*, ou blogs, e normalmente são definidos como diários de bordo da internet, que variam muito dependendo das preferências do blogueiro. De acordo com Lobo (2007, p.16) “a comunicação no blog se dá numa rede de escritores e leitores que atuam simultaneamente sobre um número infinito de textos, rompendo o eixo da comunicação pessoal e inaugurando uma era de intercomunicação coletiva, simultânea e

hipertextual”. Atualmente, os blogs extrapolaram o seu papel de “diário íntimo”, pois eles têm sido vistos operando com as mais diferentes funcionalidades. Há blogs praticamente sobre tudo.

É justamente a lógica colaborativa que faz com que vários pontos se encontrem e se agrupem por afinidade e interesse. À união de blogs em torno de peculiaridades grupais, por exemplo, deu-se o nome de blogosfera, que, de acordo com Orihuela (2007, p. 08) é “um sistema complexo, auto-regulado, extraordinariamente dinâmico e especialmente perceptível à informação que produz os meios tradicionais, em particular no que se refere a assuntos políticos e tecnológicos”. O autor também observa a importância que os *links* têm para a blogosfera, pois, é por meio deles, que ela se forma. “Por meio dos links e site externos que faz e dos links e comentários que recebe, cada blogueiro entra em uma comunidade ou “vizinhança” composta por esses veículos comuns e pela familiaridade que adquire com seu grupo de referência” (ORIHUELA, 2007, p.09).

É por isso que se pode arguir que as relações ocasionadas pelos blogs são singulares, pois, trata-se de um ambiente diversificado em seu âmbito relacional. Entendendo a blogosfera como conjunto de blogs que, em comunidade, dialogam em condições reticulares reguladas,

pode-se perceber que é justamente a interação que opera o agrupamento desses “nós”.

No âmbito geral dessas interações estão centros privilegiados, que, por se posicionarem de forma mais ativa na rede, acabam singularizando suas relações com mais e mais blogs, formalizando certa mediação preponderante entre os demais; o que é comum em qualquer tipo de comunidade e não seria diferente na blogosfera. Esse fenômeno fica claro quando Primo (2007) procura compreender e comparar os modelos informacionais das redes com o dos meios de comunicação de massa. Para ele, “enquanto o modelo massivo foca-se no centro, a *Web 2.0* fortalece as bordas da rede” (PRIMO, 2007, p.04), ou seja, existe uma sensível diferença entre o modelo informacional que distribui mensagens a partir de um grande centro, com outro modelo que obedece a lógica sistêmica da conexão de redes.

É também Primo (2003) quem aponta a existência de duas formas de interação na rede, oriundas das características assinaladas acima. Esses dois formatos são a interação mútua e a interação reativa. A interação mútua ocorre quando os interlocutores negociam suas relações e constroem o processo comunicacional de forma cooperativa, a interação reativa é aquela que funciona apenas com base em estímulos e respostas. É

importante compreender que não se trata necessariamente de um processo genuíno, no qual certos blogs seriam reativos e outros mútuos. Essa distinção ajuda a compreender a complexidade desses fenômenos que, dependendo da relação que se observa, promovem determinados tipos de interação ou a confluência deles.

É a partir desses dois modelos que ele assinala a ocorrência de pelo menos três formas diversificadas de interface e hipertexto que são responsáveis pela maneira com que se assinala a interação entre os participantes. São eles: o hipertexto colaborativo (colagem), o cooperativo (ganhos igualitários) e o potencial (capacidade, apenas). Assim como no caso dos tipos de interação, os tipos de interface/hipertexto são passíveis de críticas. O caráter sociotécnico da rede permite que numa mesma ambiência haja várias formas e modelos de hipertextos e inclusive, a confluência entre eles. Compreendê-los, entretanto, faz-se necessário para, analiticamente, distinguir as sensíveis diferenças que se apresentam nos processos reticulares.

### **3. Plataformas e recursos de comunicação hipermediática e colaborativa**

*Blogger* e *WordPress* são as duas principais plataformas blogueiras e também as mais utilizadas no mundo. As diferenças entre

eles são razoáveis e, ambas, são feitas para blogueiros com perfis distintos.

O *Blogger*, que tem a extensão *blogspot.com*, é ligado ao *Google* e, também por isso, tem crescido muito. Recentemente foi integrado no painel do *Blogger* o recurso *AdSense*, que permite a inserção de anúncios de maneira mais fácil e rápida, iniciando uma profissionalização econômica nesse universo. O carregamento do blog tende a ser muito mais rápido do que na maioria das outras plataformas, pois os temas são mais leves e um eficiente sistema de *cache* aperfeiçoa o desempenho. Os temas padrões são passíveis de edição com um conhecimento mínimo de *HTML*, mas essa é uma ação arriscada, pois o blog pode ficar mais lento. O *Blogger* também possibilita a criação de blogs coletivos, podendo adicionar até 99 autores, e a aquisição de um domínio *.com*, amenizando o estigma de que o final *blogspot* significa baixa interação (WinNext, 2009).

No geral, o *Blogger* disponibiliza apenas as opções *post/comentários*, *blogroll* e o serviço de “seguidores”, que normalmente serve como uma espécie de *RSS*, só que em vez de seguir e selecionar os assuntos discutidos, o interlocutor segue o blog. Esta plataforma sugere um perfil de blogueiro menos conhecedor de sistemas em informática voltados para a *web*, pois tem na facilidade de manutenção, sua principal

característica. O próprio anúncio do *Blogger* é sugestivo e apresenta bem ao que ele se propõe: “Tenha um blog em 5 minutos”.

Já o *WordPress* é também gratuito, mas possui mais ferramentas. Tem, inclusive, um *anti-spam*, chamado de *Askimete* e um sistema próprio de estatísticas. No geral, os blogs do *WordPress* têm um *design* mais contemporâneo. Há duas formas de obter uma plataforma *WordPress*, sendo o *WordPress.com* e o *WordPress.org* (WinNext, 2009). O perfil dos usuários do *WordPress* é normalmente mais qualificado no sentido de que dedicam mais tempo para os blogs e suas funcionalidades, pois trabalham com sistemas mais complexos que o *Blogger*.

No geral, tanto o *Blogger* como o *WordPress*, apresentam limitações. Tudo vai variar de acordo com a forma como o blogueiro utilizará a plataforma, pois, também nesses *templates* tudo depende de como funcionará o agenciamento sociotécnico. Além disso, são os recursos de interação que diferenciam uma plataforma da outra e um blog de outro.

Entre esses principais recursos, alguns se destacam, são eles: *RSS*, comentário, *post*, *tag*, *permalink*, *trackback* e *blogroll*. Vale ressaltar que tais recursos possuem vertentes variadas, enquanto algumas (*Comentário*, *post* e *tag*) são organizativos internos, o *trackback* é externo. O *blogroll*, o *RSS* e o *permalink* são

recursos organizativos mistos, pois tanto apresentam funcionalidades externas, quanto internas em um blog, conforme se sugere e analisa-se a seguir:

RSS, conforme explica o site Interney (2009, *on-line*), é a sigla de *Rich Site Summary* ou *Really Simple Syndication*. Esse recurso possibilita a distribuição de conteúdo de um blog de forma padronizada, fazendo com que ele possa ser lido em diversos tipos de leitores de notícias. Os endereços que distribuem informações em forma de RSS são conhecidos como *feeds*, que são os agregadores de RSS e que facilitam muito o acesso a vários blogs. De acordo com o portal Infowester (2009, *on-line*) as duas principais características dos RSS são facilitar a leitura, sendo que uma pessoa pode ter acesso a vários blogs ao mesmo tempo e manter os círculos blogueiros sempre informados sobre o que os outros comentam.

Com essa característica de facilitar o acesso dos leitores a vários blogs em menos tempo, o fluxo de informações fica muito mais dinâmico. Os participantes de grandes círculos de discussões conseguem acompanhar um vasto número de blogs ao mesmo tempo. Trata-se de um típico caso de conjunção em ambientes colaborativos, uma vez que os blogs fazem fusões imprecisas entre si para concluir os *feeds*. Interessante perceber também a “colagem” que há por meio deste recurso. Não

há uma interação ordenada, mas a interface é, de certa forma, reconstituída.

Os jornais *on-line* também foram reconfigurados na blogosfera por causa do RSS. Conforme aponta Simão (2006) os jornais têm usado os blogs como fonte de informação, mas com o uso do RSS o contrário também ficou possível, pois, o blogueiro tem a opção de referenciar seus temas favoritos. “Assim ao ler um blog está também a ter acesso aos títulos e superlead dos jornais, funcionando assim o blog como distribuidor temático dos jornais” (SIMÃO, 2006, p.158).

Um dos problemas de participar de RSS é justamente o fato de se perder o acesso ao conteúdo original. Isso significa perder em qualidade, uma vez que esse recurso não oferece acesso a infográficos e imagens, por exemplo. O RSS faz com que os participantes tenham contato apenas com informações altamente segmentadas, o que não ocorreria, caso ele tivesse acesso direto ao blog. Como se pode ver, os *feeds* funcionam como recursos mediadores nos ambientes colaborativos, pois, selecionam o conteúdo por características pré-estipuladas pelo blogueiro.

A *tag* é um sistema interno de buscas direcionadas. Para que uma *tag* funcione com mais eficácia, é preciso que ela esteja sempre atualizada e que o blogueiro conheça quais são os assuntos que mais interessam aos seus

interlocutores. Segundo Interney (2009, *online*) “uma tag (rótulo/etiqueta) é uma palavra-chave que serve para classificar o assunto ou tema de um post. São utilizadas para organizar e facilitar a busca de páginas e objetos na internet”.

Primo (2007) destaca que existe a possibilidade de se formar metadados por intermédio das *tags*. Para ele, em vez de o participante utilizar termos de um cadastramento padrão, ele pode identificar um *post* com as palavras que quiser. Ou seja, são dados colocados em cima de outros dados. Esse “tagueamento” tem sido também chamado de folksonomia “Ou seja, em vez de uma categorização por especialistas que segue rígidos padrões taxonômicos, a folksonomia seria uma classificação social “de baixo para cima”” (PRIMO, 2007, p.05).

Para Guimarães (2008), que explica as *tags* no viés dos estudos semânticos, o funcionamento delas se difere dos buscadores convencionais (como *Google* e *Alta Vista*, por exemplo) a partir do momento em que a busca funciona pelo acionamento de palavras-chave postadas anteriormente pelo blogueiro. Ele exemplifica que se o interlocutor clicar numa *tag* com a expressão “Argentina” em vez de ela direcionar a pesquisa para textos que contenham esta palavra, a *tag* procurará por textos, vídeos e imagens que foram

“tagueadas”, ou seja, tem como palavras-chave, a expressão “Argentina”, por isso, argumenta que a nuvem de *tags* opera por intermédio de um sistema semântico.

Além disso, fica evidente a mediação dos blogueiros no uso de *tagS*, uma vez que o sistema encontrará buscas não por palavras que estejam contidas no corpo de um texto ou imagem, mas sim, aquelas que o blogueiro quis que se relacionassem com o que está publicado. “É bastante óbvio que, muitas vezes, a palavra-chave também se encontre no texto em si, entretanto, é importante a compreensão de que a busca acontece de maneira diversa” (GUIMARÃES, 2008, p. 04).

As *tags* são recursos que propiciam uma interação amplamente mediada pelo blogueiro. Além disso, funcionam como um importante hipertexto potencial, que promove a organização dos blogs – ambientes que são caracterizados por causa de uma possível desorganização interna.

O *permalink*, ou “links permanentes” se apresentam como uma ferramenta que permite que os participantes encontrem *links* para determinados *posts*, mesmo depois que eles estejam no arquivo do blog. Os *templates* padrões normalmente já oferecem esse recurso, mas mesmo quando a configuração não é prévia, o blogueiro poderá acioná-la (Interney, 2009). Segundo Alvim (2007, p.02) “foram-se

introduzindo facilidades técnicas nos softwares existentes, algumas revolucionárias, como a capacidade de “permalink”, que garante a cada post um endereço URL, que pode ser referenciado noutro blogue ou noutro sítio Web”. A memória desses *sites* e blogs não fica perdida, podendo ser acessada em épocas diferentes. Há aí outra característica marcante dos ambientes *on-line*, a possibilidade de armazenamento em banco de dados. Some-se a isso às características sociotécnicas do blog, que, por meio do *permalink* midiaticiza o conteúdo.

Uma diferença que precisa ser considerada é a ocorrência dos *permalinks* e *trackbacks*. Ambas se parecem muito, mas possuem finalidades diversificadas. “Enquanto o *permalink* é um apontador que conecta um post ou comentário de terceiro ao post original em outro blog, o *trackback* é acionado no próprio post que se quer comentar” (PRIMO, 2006, p.06). O autor explica que o *trackback* “avisa” a um terceiro que seu blog está sendo comentado, oferecendo ainda um *link* para o lugar de origem. Isso faz com que os interlocutores possam conhecer a repercussão que o *post* tem na blogosfera.

Conforme assinala o Interney (2009, *on-line*) há uma confusão no tratamento do termo *trackback*, que se popularizou por servir como uma espécie de aviso que notifica o autor

original quando outro participante referencia um *post* dele. Segundo este blog, a definição correta seria *linkback*, e o *trackback*, é, na verdade, uma das três formas de *linkback*; as outras formas são o *pingback* (examina todos os *links* do *post* e manda uma notificação para cada um deles) e o *refback* (mostra, por meio dos *links*, de onde estão vindo os visitantes de um determinado blog).

Talvez uma das ferramentas mais comuns utilizadas por blogs atualmente sejam os *blogrolls* - uma lista livre de blogs “favoritos” e que não precisa ser temática. Ela parte de pressupostos que selecionam e segmentam o público que visita o blog. Máximo (2007, p.30) define os *blogrolls* como sendo “as listas de links para blogs “favoritos” cultivadas pelos blogueiros”. De fato, o *blogroll* é pautado pelas preferências do blogueiro. Geralmente o *blogroll* se apresenta em forma alfabética ascendente e representa um importante recurso de interação, pois, em quanto mais listas um blog estiver, mais ele se tornará popular nas redes.

Os *blogrolls* assinalam uma das características principais dessa lógica hipermediática, a colaboração. Ao passo que um blog vai *linkando* outros, redes peculiares vão se formando e criando grupos específicos. Os *blogrolls* são importantes elementos para a constituição de blogosferas. Além disso, se

apresentam como uma interface potencial, uma vez que, não podem ser alteradas de forma alguma pelos interlocutores, apenas pelo blogueiro que é o responsável por um determinado blog. Apontam ainda para um exemplo importante da formação das redes sociais, uma vez que essas listas referenciam terceiros por causa das relações estabelecidas nessas ambiências.

Quando os *blogrolls* extrapolam a simples figuração nos blogs, eles se transformam no que Recuero (2002) chamou de *webrings*, ou seja, círculos de blogueiros que promovem interação por intermédio da ferramenta de comentários e *posts*. “Os *blogs* são linkados uns nos outros e formam um anel de interação diária, através da leitura e do comentário dos *posts* entre os vários indivíduos, que chegam a comentar os comentários uns dos outros ou mesmo deixar recados para terceiros nos *blogs*” (RECUERO, 2002, p.07). Ela explica que o blog funciona como uma representação do blogueiro no ciberespaço e por isso, os *webrings* não são simplesmente um grupo de *links*, mas sim, um grupo de pessoas.

### Considerações finais

Procurou-se neste breve ensaio apresentar algumas características que fazem das redes colaborativas um ambiente propício para que ocorra uma interação diversificada e

uma mediação descentralizada. São justamente as ferramentas operadas pelos blogueiros, que diferenciam e especificam as ambiências reticulares que operam em uma lógica colaborativa, pois, com o advento das redes, esses sistemas de interconexão foram se formando e criando novas perspectivas para comunicação hipermediática.

A proposição de se compreender tais lógicas hipermediática e colaborativa, de forma distinta, também procura auxiliar outros estudos em suas definições metodológicas. Como se pode perceber, todas as plataformas e formatos colaborativos são hipermediáticos, entretanto, nem todos, são colaborativos. Essas lógicas distintas reforçam também a necessidade de se compreender de maneira específica os estudos sobre as redes de comunicação contemporâneas.

### Referências bibliográficas

- ALVIM, L. *Avaliação da qualidade de blogs*: actas 9º Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas. Ponta Delgada, Açores: BAD, 2007.
- GUIMARÃES, C. P. *Tags: palavras-chave em blogs*. In: 2º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação, 2008, Recife. Anais do 2º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação, 2008.
- KASTRUP, V. A rede: Ama figura empírica da ontologia do presente. In: PARENTE, A. (org.). *Tramas da rede*. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- LOBO, L. *Segredos públicos: os blogs de mulheres no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

MÁXIMO, M. E. O eu encena, o eu em rede. In: *Civitas: Porto Alegre*, v.7, n.2, jul-dez, 2007.

MUSSO, P. A filosofia da rede. In: PARENTE, André. *Tramas da rede*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

O'REILLY, T. What Is Web 2.0. *O'Reilly Publishing*, 2005.

ORIHUELA, J. L. Blogs e blogosfera: o meio e a comunidade. In: ORDUÑA, O.; ALONSO, J. et. al. *Blogs: revolucionando os meios de comunicação*. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

PINHEIRO, M. A. Cultura dos links: conjunção e conexão nas redes. *Revista FAMECOS*, v. 32, p. 17-22, 2007.

PRIMO, A. Quão interativo é o hipertexto?. In: *Fronteiras*, S. Leopoldo, v.5, n.2, p.125-142, 2003.

\_\_\_\_\_. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. *E-Compós* (Brasília), v.9, p.1-21, 2007.

\_\_\_\_\_; SMANIOTTO, A. Blogs como espaços de conversação: interações conversacionais na comunidade de blogs insanus. *E-Compós*, v.1, n.5, p.1-21, 2006.

RECUERO, R. C. *Weblogs, Webrings e Comunidades Virtuais*. In: VI Seminário Internacional de Comunicação, Porto Alegre, 2002.

SANTAELLA, L. As linguagens como antídotos aos midiacentrismos. In: *Revista MATRIZES*, v.1, p.75-98, 2007.

SCOLARI, C. A. Hipertextos, Interfaces, Interacciones. In: *deSignis*. Barcelona: Gedisa, 2003.

SIMÃO, J. Relação entre os blogs e webjornalismo. In: *Revista Prisma*, n.06, 2006.

SODRÉ, M. *Antropológica do espelho*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. Eticidade, campo comunicacional e midiatização. In: MORAES, D. (Org.). *Sociedade Midiatizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

**Sites e blogs consultados:** Interney, Infowester, WinNext, WordPress e Blogger.